

intensão

*Standpoint*. Trad. A. C. Rancurello et al. Londres: Routledge, 1995.

Searle, J. R. 1983. *Intentionality*. Cambridge: Cambridge University Press.

**intensão** *Ver* EXTENSÃO/INTENSÃO.

**interpretação radical** Expressão introduzida pelo filósofo norte-americano Donald Davidson e que tem conotações com a expressão «tradução radical», de Willard Quine (*ver* INDETERMINAÇÃO DA TRADUÇÃO). Ambas versam sobre a tradução de uma linguagem desconhecida numa linguagem conhecida, mas a primeira, a interpretação radical, contém uma consideração suplementar sobre a atribuição de um conteúdo semântico a uma atitude proposicional (ausente na tradução radical). Um «intérprete radical» é alguém que tenta atribuir um conteúdo semântico, digamos, a uma crença de outrem tendo apenas como dado o conhecimento das correlações entre as circunstâncias extra-linguísticas de uma dada elocução e a frase ocasional proferida, que o informante (o interpretado) tem por verdadeira (juntamente com princípios de inferência conhecidos).

Davidson considera que este conhecimento por parte do intérprete radical é suficiente para a atribuição de verdade à maioria das crenças do interpretado e argumenta que, sendo este o caso, não existe forma de o intérprete radical descobrir que o interpretado está massivamente errado acerca do mundo.

O argumento é que o intérprete será obrigado a seguir uma estratégia que consiste em descobrir o que causa no mundo exterior as elocuições do informante e, depois, a identificar as condições de verdade das suas elocuições. Mas, ao proceder assim, o intérprete será obrigado a aceitar que a maioria das elocuições do informante são verdadeiras (do ponto de vista do intérprete); *ver* PRINCÍPIO DE CARIDADE.

No entanto, parece possível o seguinte género de objecção: mesmo admitindo que a maioria daquilo que o informante considera verdadeiro será interpretado como verdadeiro pelo intérprete, como bloquear a possibilidade

de estarem ambos massivamente errados (é óbvio que o problema se transmite a um segundo intérprete, e depois a um terceiro, etc., que se viessem a associar a este processo)?

A resposta de Davidson é a seguinte: Imagine-se um intérprete onnisciente acerca do mundo e acerca do que causa que um informante produza tal ou tal elocução. O intérprete onnisciente, usando o mesmo método que o intérprete falível, chegaria à mesma conclusão deste. É claro que ele seria obrigado a aceitar que a maioria das elocuições do informante são verdadeiras apenas do seu ponto de vista de intérprete. Mas ele é um intérprete onnisciente; logo, o informante é visto como maioritariamente correcto acerca do mundo usando agora um ponto de vista que é objectivo.

Davidson considera que uma consequência notável deste resultado é a tese filosófica segundo a qual se as nossas crenças são coerentes com muitas outras, então a maioria delas são verdadeiras. Esta posição coerentista sobre a verdade (*ver* VERDADE, TEORIAS DA) constitui para o autor também uma refutação do cepticismo. JS

Davidson, D. 1984. *Inquiries into Truth and Interpretation*. Oxford: Clarendon Press.

Heal, J. 1997. *Radical Interpretation*. In B. Hale e C. Wright, orgs., *A Companion to the Philosophy of Language*. Oxford: Blackwell.

**interpretação** *Ver* SEMÂNTICA LÓGICA.

**intersecção** *Ver* CONJUNTO INTERSECÇÃO.

**intransitividade** *Ver* TRANSITIVIDADE.

**introdução da bicondicional** A regra da introdução da BICONDICIONAL ( $I \leftrightarrow$ ) é um princípio válido de inferência frequentemente utilizado em sistemas de DEDUÇÃO NATURAL para a lógica clássica de primeira ordem. O princípio autoriza-nos a inferir, de uma frase da forma  $\lceil p \rightarrow q \rceil$  (em que  $p$  e  $q$  são frases) dada como premissa, uma frase da forma  $\lceil p \leftrightarrow q \rceil$  como conclusão; e a frase deduzida dependerá das suposições das quais depender a frase